



Um Herberto Helder desconhecido

13-Abr-2015

RODOLFO DE JESUS CORDEIRO

Li com muito interesse a carta do leitor Virgílio Pinto, incluída na última edição do DIABO, e partilho a sua opinião de que os (muitos, imensos, por vezes delirantes) textos publicados recentemente sobre o poeta Herberto Helder omitem, inexplicavelmente, o seu percurso como pessoa. Sob o pretexto de que era um ser "inacessível", "misterioso", quase sagrado ou divino, as notas biográficas ultimamente publicadas só referem coisas vagas, por vezes com háitos alguns anos. Dize-se que não foi possível encontrar um único jornalista capaz de escrever uma simples biografia de um poeta que faleceu.

É verdade que Herberto Helder se recobria e protegia da caridade mundana e social dos jornalistas, sobretudo evitando ser fotografado ou filmado. Mas creio que isso tinha em vista antes e mais por de espírito e as circunstâncias. Pressento que ele apenas não queria entrar de a chamada dos "jornalistas culturais", os mesmos que, afinal, se aproximam dele logo que fechou os olhos. Ao contrário deles, Herberto (o "meu pai") não andava no comício.

No tempo pessoal, Herberto Helder era uma pessoa normal, nada "inacessível", nada "sagrada", e pronto a falar ao parque e com os amigos em Luanda em finais de 1972 e em a recordação em Lisboa depois do 25 de Abril. Eu trabalhava então numa firma que desejava implantar-se em Angola, e fui mandado a Luanda encontrar o mercado e estudar a possibilidade de abrir ali uma delegação. Como tinha um amigo que o conhecia, saí para conhecer-me com Herberto Helder e ser-lhe apresentado. Herberto trabalhava então na revista "Notícia" e era uma simpática de pessoa. Helder não cabia de conversa farta, devotava-se de bom jeito e de uma convicção bem-trilhada, não se vangloriava da sua fama literária. Tanto, que só depois vim a saber que aquele modesto redator de uma revista era também um grande poeta.

Quando me foi dada a importância de Herberto Helder no panorama da literatura portuguesa, já de regresso a Moscovo, passei a prestar atenção a tudo o que se escrevia sobre ele e a comprar, sempre que possível, os seus livros. E assim que posso hoje adiantar algo sobre a sua passagem por Angola, referida recentemente na imprensa de uma forma fugidia e evasiva. Não há qualquer mistério.

Herberto Helder foi trabalhar para Luanda em Abril de 1972 e por lá se tornou chefe de um ano. Não sei se seria jornalista profissional, mas foi redator da revista "Notícia". Esta publicação, cujo tipo se devia a "Curva do Arco", era então a mais moderna e a mais prestigiada de Angola. Foi dirigido por João Fernandes logo que o mesmo jornalista que antes não tinha escrito "O DIABO" e teve como redatores, entre outros, António Gonçalves, Carlos Ventura Martins, Maria Virgínia de Aguiar (que depois se deslocou a Moscovo, Rússia), Tróia (o seu antigo grande fotógrafo, como Eduardo Balle, Fernando Ferreira e Eduardo Guimarães. Tróia também uma delegação em Lisboa, de onde escaparam Estêvão Sávio e Fernando Dias. Entre os vários colunistas registados durante o período Helder, em dois destacamos: em Carlos Fernandes.

Sendo uma publicação moderna, escrita por pessoas ligadas ao mundo da cultura, a "Notícia" não era uma revista de oposição. Lembro-me de ter lido na "Notícia" alguns textos altamente elogiosos sobre Henrique Galvão, por exemplo. Além, entre as autoridades da "Notícia", conhecem-se as respectivas capitais do sistema, como Manuel Vitor e Cupertino de Miranda. Certo poder afirmar que a "Notícia" seguia a linha de muitas outras publicações do seu tempo, nem tabularia do regime em questionamentos, suficientemente autorizado para sobreviver sem danos no Estado Novo e suficientemente anfitrião para não ignorar uma ou outra tendência mais reformista.

A vida de Herberto Helder para Luanda parece ter ficado a dever-se a João Fernandes, que o tinha conhecido em Lisboa no último grupo surrealista de Café Galo. Na "Notícia", Herberto Helder escreveu sempre num tom muito pessoal, um comentário entre o jornalista e o literário. Publicou críticas, reportagens, entrevistas e crítica de livros, incluindo uma sobre "Herberto Helder" sua como "Luís Bernardes" (os dois nomes de meio). Escovou sobre a obra de José Rui de Azevedo, ocasião que aproveitou para entrar em contacto com os manuscritos sobre os lares de Luanda, sobre o Museu do Café, sobre o Mercado de São Paulo, sobre Kumbó, etc., etc. Entrevistou alguns de música ligada, como Carlos do Carmo e o insólito Helder (mas por quem ficou admirado). Em Luanda, era um homem pacato que gostava de conviver e não se punha nos brios do pai. Foi só depois de regresso a Lisboa que Herberto conheceu aquela que viria ser a sua segunda mulher e ambiente social, Olga Ferreira Lima.

Em Março de 1972, quando regressava de uma reportagem sobre o Festival de Chita, no Litoral, com o fotógrafo Eduardo Guimarães, e Volkswagen em que viajavam desfilou-se e ficaram ambos bastante feridos. Herberto passou alguns meses no hospital, após o que regressou a Lisboa. Suponho que foi depois que decidiu viajar pelos Estados Unidos, onde protestamente estava aquando do 25 de Abril.

Curiosamente, também não vi, nos muitos artigos funerais publicados recentemente, qualquer referência à sua passagem pelo Estado Nacional, no tempo do anterior regime, já não recordo se antes se depois do seu período em Angola.

Só voltar a encontrar Herberto Helder alguns anos depois do 25 de Abril, numa explanação de Rua Passos Manuel, em Lisboa. Recordo-me me aproximava e cumprimentou-me com a máxima afabilidade: "Bom dia! Bem-vindo de Angola e do seu território ocidente de modo, que os altivos tinha sido muito felizes. Continuava a ver o mesmo homem simples e simpático, nada do retrato de misantropo "divinizado" e mitificado que agora se faz dele.

Foi com surpresa que, há dias, soube que se tinha filiado no Partido Comunista a seguir ao 25 de Abril, embora a sua "notícia" tenha sido segundo li, muito breve.

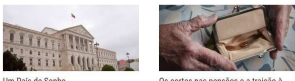
Todos estes aspectos biográficos que refiro, e muitos outros de interesse entre os anos 50 (quando se escreveu como poeta) a 2012 (quando faleceu), merecem ser publicados em "Notícias Culturais", que agora se aproximam para debater a sua obra com o leitor e o leitor de modo, que os altivos tinha sido muito felizes. Continuava a ver o mesmo homem simples e simpático, nada do retrato de misantropo "divinizado" e mitificado que agora se faz dele.

Twitter | Facebook | Instagram | RSS | Email

REDES SOCIAIS | NOTÍCIAS | Edição de 24 de Abril de 2015

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES



Um País de Sonho



Os cortes nos pensões e a falção à confiança dos cidadãos

1 Comment | Jornal Diabo | Login | Recommen | Share | Sort by Best | Join the discussion...

ALICIA JORNAL DIABO | Pode Trump ser o próximo Presidente norte-americano? | Como vão ser os termos do resgate da Finlândia?

COMENTA CADA PARA ORDENADOS BAIXOS | Comunismo: a máquina do terror ainda está viva

DIABO | MAIS RECENTE | ARTIGOS MAIS POPULARES